



## A “amizade” em uma comunidade do Orkut

Woodson Fiorini de Carvalho\*

**Resumo:** Este trabalho analisa uma das muitas comunidades do Orkut, a “Solteiros BH” (cujo objetivo é o de promover encontros e encetar amizades), a fim de avaliar as configurações discursivas que a paixão “amizade” adquire no meio virtual. Essas configurações produzem um efeito que denominamos de “intimidade”, ou seja, um efeito em que o locutor/narrador se mostra íntimo de seu alocutário/narratário e passa a ser alguém que possui acesso privilegiado aos demais do grupo. A expressão dessa intimidade, que recebe o rótulo (conteúdo) de “amizade”, pode dar-se de diversas formas, dependendo do grupo social em que a amizade coletiva é estabelecida. Assim, pretendemos investigar como essas comunidades, virtualmente estabelecidas, irão agenciar o conteúdo amizade. No Orkut, sua expressão é produzida, essencialmente, pelo meio escrito, adornado por fotografias e elementos gráficos que compõem a mensagem. Tais elementos gráficos são preestabelecidos e pré-moldados, permitindo ao usuário do Orkut colá-los na tela de acordo com um esquema de composição pré-customizado pelo ambiente gráfico do programa. O conteúdo é, então, regulado por uma espacialidade pré-distribuída e submetido a uma receita de “como fazer amizades”, na certeza eufórica de que elas acontecerão inexoravelmente por meio desse mecanismo. Este artigo é resultado de uma pesquisa piloto que buscou investigar um texto que abre uma dessas comunidades virtuais, avaliando-o nos três níveis do percurso gerativo: fundamental, narrativo e discursivo. Com relação ao nível discursivo, foram levantados os temas e as figuras dessa pretensa amizade e examinados seus aspectos tensivos e argumentativos.

**Palavras-chave:** redes de relacionamento, Internet, Orkut, amizade

## Introdução

O Orkut, uma rede virtual de relacionamentos<sup>1</sup>, foi criado para dar suporte midiático a grupos que pretendem fazer e manter sua rede social de amigos. Embora tenha sido criado com o objetivo de aproximar as pessoas do mundo “real”, foi a possibilidade de criar “comunidades”, associações, em torno de diversos temas, muitos deles irreverentes ou de caráter *nonsense*, que colaborou para sua grande popularidade entre os brasileiros<sup>2</sup>. Existe uma infinidade de comunidades no Orkut e é improvável que o usuário participe, efetivamente, de todas as comunidades em que se inscreve. Muitas delas fazem parte de sua coletânea de comunidades no Orkut, como uma vitrine a mais do perfil de usuário. Entretanto, a liberdade para criar comunidades no Orkut contrasta com a estrutura hierárquica rígida imposta pelo mecanismo.

Cada comunidade possui apenas um dono, que pode controlar o conteúdo e a entrada de membros. O

dono pode delegar as funções de moderador para até dez usuários, quando a comunidade é “fechada” (moderada). Se ela for “aberta” (pública), qualquer um pode entrar, escrever, sem necessidade de aprovação (incluem-se aí os *fakes*, conhecidos perfis falsos). Qualquer membro pode ser banido pelo dono ou por algum dos mediadores, sendo que, se for apenas removido, pode entrar novamente; mas, se for expulso, não poderá retornar. Além disso, mais recentemente, passaram a existir mecanismos de regulação e de autorregulação do que pode ser visto e publicado. Na versão inicial, o Orkut não permitia que o dono delegasse funções de moderador a outros membros usuários da comunidade, cabendo, portanto, apenas a um moderador, o próprio fundador da comunidade, controlá-la. O código do sistema também era inseguro, permitindo intervenções e invasões de todo tipo. A nova funcionalidade, que possibilita incorporar novos mediadores, foi implementada com um pacote de melhorias, em 20 de

\* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço para correspondência: { woodsonfiorini@gmail.com }.

<sup>1</sup> { www.orkut.com }.

<sup>2</sup> As comunidades virtuais do Orkut diferem das associações do mundo real pelo seu caráter eminentemente informal e pela diversidade de propostas, de motivações e de temas irreverentes.

outubro de 2006 (Orkut — Wikipédia<sup>3</sup>, a enciclopédia livre, 2009), pela dificuldade de se moderar mensagens numa comunidade com muitos participantes.

Portanto, as comunidades do Orkut estruturam-se hierarquicamente em torno do chamado dono, que tem a competência de atrair, manipular, moderar e sancionar os outros membros da comunidade. Ele pode ser auxiliado por outros a quem delega a sua *competência* de *moderar* e *sancionar*. A existência dessa hierarquia convida-nos a começar a análise pelo nível narrativo, pois essa estrutura preestabelecida das comunidades e o objetivo de aproximar intimamente as pessoas produzem uma narrativa peculiar, com que o dono descreve os objetivos de sua comunidade. Suponhamos que a forma com que as comunidades do Orkut são descritas incorpore pistas dessa hierarquia que dá controle absoluto ao dono. Essa possibilidade de ter controle de tudo que se faz na comunidade virtual pressupõe, de forma genérica, um programa narrativo de transformação de competência, em que existe uma proposição obrigatória de mudança de um estado de disjunção do sujeito de estado ( $S_2$ ) — “orkuteiros” e/ou membros da comunidade — com o objeto valor “amizade” em conjugação. A competência para realizar a transformação é projetada sobre o sujeito do fazer, transformador ( $S_1$ : que sabe e pode fazer) — o próprio Orkut ou o dono da comunidade. Por outro lado, esse programa de competência implica um programa de *performance*, em que o papel do dono propõe não só alterar o estado de disjunção com o objeto valor “amizade” dos membros da comunidade, mas também realizar uma operação em si mesmo, a fim de obter *popularidade*, *fama* e/ou *prestígio*, bem como *companhia* (ver Tabela 1), como valores descritivos finais.



Figura 1

A “amizade” é não apenas um objeto valor, inserido em um programa de aquisição no nível narrativo, como também, no nível discursivo, constitui-se como tema subjacente aos temas propostos na concepção do Or-

kut e das comunidades. O discurso que abre o Orkut e as comunidades, descrevendo-as, modaliza esse objeto valor implicado, previsto no programa de competência inicial do Orkut (ver Figura 1). Resta saber se essa amizade, que pressupostamente se constitui como parte do ideário que funda o Orkut — um site voltado à promoção e à manutenção de amizades —, constitui-se, realmente, como objeto das comunidades criadas com esse fim.

Para verificar isso, avaliaremos o percurso gerativo de sentido de diversas comunidades, a fim de levantar a construção dos efeitos de sentido que se ligam à paixão “amizade”. No nível fundamental, avaliaremos as regularidades, tomando por base a semiótica tensiva, a fim de estabelecer as características das interações nessas comunidades, partindo do percurso dos sentidos de um sujeito que, *a priori*, desse lugar virtual, mais sente e percebe do que faz. Trata-se de um ambiente ficcional restritivo, cujo percurso narrativo parece ser menos significativo que o fundamental e discursivo. Essa ampla opção teórica visa a depreender dos textos enunciados nas comunidades as estratégias com que elas pretendem efetivar a amizade entre seus membros. Essas estratégias são estabelecidas a partir de objetivos propostos em cada uma dessas comunidades, já explicitados na descrição das comunidades, feita pelos donos que as idealizaram e que imprimem, já na sua concepção inaugural, suas motivações e intencionalidades.

## 1. O programa narrativo da amizade na comunidade Solteiros BH

Começemos, portanto, pelo nível narrativo, já que estamos interessados em avaliar o *percurso da manipulação* desse dono, que apresenta a comunidade com a finalidade de manipular os seus membros para que alcancem um objetivo específico. Ao analisar os enunciados da comunidade Vão Pro Rock BH (2008), observamos que as interações que se seguiram à manipulação inicial do dono dessa comunidade tinham uma tendência de percorrer o esquema narrativo canônico. Isso, provavelmente, se dá como resultado natural da estruturação hierárquica preestabelecida pelo mecanismo. Assim, como a comunidade se estrutura em torno de um dono, que possui plenos poderes, supomos que as interações ali realizadas tendam a cumprir uma narratividade que percorre todo o *esquema narrativo canônico: o percurso da manipulação, da ação e da sanção*. No caso da comunidade de que falamos acima, o dono, após apresentá-la no espaço destinado à sua descrição, convoca os demais membros a se apresentarem, respondendo a uma pergunta postada em um

<sup>3</sup> Wikipédia, a enciclopédia livre. (1 de julho de 2009). Disponível em: ( [pt.wikipedia.org/wiki/Orkut#Desenvolvimento](http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut#Desenvolvimento) ). Acesso em: 1 jul. 2009.

dos fóruns ali existentes. Os sujeitos, manipulados por aquela convocação — portanto, até então sujeitos meramente de estado —, passam à ação, respondendo coerentemente à manipulação. Ao final, eles são sancionados, positivamente ou negativamente, a partir de comentários e de ações do dono da comunidade (no caso, um suposto *sujeito operador: destinador manipulador*) ou dos moderadores (*sujeito operador: destinador manipulador delegado*). Eles também podem ser julgados pelos próprios membros interactantes, já que, apesar da hierarquia estabelecida na concepção do mecanismo, que atribui ao dono o poder de decidir quem e o que fica ou sai da comunidade (sanção pragmática), podem ocorrer sanções apenas cognitivas entre os membros, mas com a aquiescência do dono e dos moderadores que as avalizam ou se omitem.

Os enunciados postados na comunidade, bem como os papéis ali desempenhados pelos membros, parecem

oscilar ao sabor das imprevisíveis interações dos indivíduos de “carne e osso” que ali postam suas mensagens. Eles ora podem ser manipulados, ora podem ser os próprios manipuladores. No entanto, a prerrogativa da sanção pragmática é dada apenas ao dono, que pode somente delegá-la a dez membros, denominados “moderadores”. É necessário, portanto, buscar na sociologia estudos sobre diferentes hierarquias de comunidades virtuais e não virtuais para entender com que fim cada tipo se organiza. Assim, poderemos dizer como isso influi na formatação das relações vividas no Orkut e em que elas convergem ou se distanciam das relações de amizade.

Tomemos, então, o texto que abre e descreve a comunidade Solteiros BH<sup>4</sup> (Ver Figura 2), atribuído a um perfil criado apenas para gerenciar essa comunidade.



Figura 2

Descrição:

A comunidade de quem está Solteiro na cidade mais linda do Brasil.  
Pq estamos solteiros, mas não sozinhos.  
Pq estar solteiro não nos impede de divertir, invadir lugares de BH e zoar o plantão em qualquer lugar.

Gostou? Vem com a gte então.

(Solteiros BH, Comunidade do Orkut, 2007).

O título da comunidade Solteiros BH remete-nos a outro tema diverso da amizade, ou a uma amizade que congrega pessoas solteiras, restringindo-se apenas a elas, o que nos leva a desconfiar intuitivamente da natureza do objeto-fim dessa comunidade. Contudo, o pesquisador não deve se satisfazer em descrever sua

<sup>4</sup> Solteiros BH (Comunidade do Orkut). (29 de janeiro de 2007). Disponível em: ( www.Orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=27183610 ). Acesso em: 1 jul. 2009.

intuição. Ele deve submetê-la ao rigor metodológico do instrumento teórico para, cartesianamente, balizar e apurar seus sentidos e traduzi-los em uma linguagem científica. Como havíamos observado acima, a natureza do objeto nos convida a iniciar essa análise pelo nível narrativo.

Cada percurso narrativo, como observa Barros (2005, p. 195), é constituído por unidades elementares mais simples, os enunciados narrativos elementares. Eles são de dois tipos: os enunciados de estado, em que sujeito e objeto mantêm entre si relações transitivas estáticas, e os enunciados de transformação, em que a relação é dinâmica. Da organização de pelo menos um enunciado de estado e um enunciado de transformação surge o *programa narrativo*, a unidade funcional da narrativa.

A análise do texto anterior mostra vários enunciados narrativos organizados em programas:

- a) Um enunciado de estado de conjunção: em que o sujeito “comunidade” está em conjunção com o objeto valor (descritivo) “Solteiro”: “A comunidade de quem está Solteiro”.
- b) Um enunciado de estado de disjunção: em que o sujeito “comunidade” (“de Solteiros”) está em disjunção com o anti-objeto-valor “sozinhos”.
- c) Um enunciado de estado de disjunção: em que o sujeito de estado “Solteiro” está em conjunção com o objeto valor “divertir”: “Pq estar solteiro não nos impede de divertir...”.
- d) Um enunciado de transformação: em que o sujeito operador destinador manipulador (o dono da comunidade) procura manipular o sujeito destinatário (um membro da comunidade ou um potencial membro) a transformar essa relação de disjunção em conjunção. Esse enunciado usa, para esse fim, uma estratégia complexa de persuasão. Emprega um enunciado de tentação em que são apresentados valores que o destinador julga que o destinatário deseja “[...] não nos impede de divertir, invadir lugares de BH e zoar o plantão em qualquer lugar”, introduzidos por verbos no infinitivo que, aparentemente, têm uma razão de ser, o que iremos avaliar adiante com mais detalhes.

O destinador, dono da comunidade, procura, no percurso da manipulação, não só realizar um PN de competência, convencer o outro, mas parece querer convencer a si mesmo (ver análise mais adiante), pois ele é um sujeito debreado na primeira pessoa do plural por um “nós” inclusivo (Eu → tu) e também exclusivo (Eu → não tu): “Pq estamos solteiros, mas

não sozinhos”. Trata-se, portanto, de um enunciado, cuja enunciação remete a dois destinatários: um sujeito, membros da comunidade, *solteiros* e outro sujeito subtendido, seu contraditório, *não solteiros*, que não fariam parte da comunidade.

O *dono* realiza, então, um percurso de ação, ao tentar transformar simultaneamente a si (programa narrativo de *performance*) e ao destinatário, membro ou possível membro da comunidade (programa narrativo de competência). O percurso da ação concretiza-se no convite feito ao destinatário para que participe: “Gostou?”. Essa é uma pergunta retórica cuja marca de *heterogeneidade mostrada*<sup>5</sup> convoca o destinatário a agir, a tomar uma posição apreciativa. Trata-se de um enunciado de ponto ilocucional diretivo<sup>6</sup>, que implica uma resposta positiva, pois, no enunciado seguinte, o destinador sanciona positivamente (percurso da sanção) aqueles que, pressupostamente, aquiescerem à convocação, “Vem com a gente então.” Barros (Barros, 2005, p. 200) diz que todo programa de *performance* pressupõe um programa de competência, sendo que, nesse último, o sujeito transformador é realizado por um ator (*que faz*, no plano discursivo) diferente do sujeito de estado (*que sofre a ação*). O objeto valor, nesse caso, possui um valor modal, que é necessário para que o sujeito obtenha, na *performance*, o valor descritivo último desejado.

Então, temos aqui o valor descritivo “diversão”, figurativizado pelos verbos “invadir” e “zoar”. O primeiro, “invadir”, assume as várias figuras do dicionário (Ferreira, 1986, p. 963), incorporando, ao mesmo tempo, seus diversos significados, de forma mais genérica, dada a imprecisão que a palavra assume no texto. Desse modo, “invadir” admite os seguintes significados: “entrar à força, conquistar; difundir-se, dominar e usurpar” (*Idem*). *Invadir* possui grande intensidade modal, da ordem do poder. É uma figura que implica uma apropriação ilegítima, pois ela pressupõe, *a priori*, um *não poder*, uma proibição, um impedimento. O suposto impedimento, nesse caso, é o estatuto de solteiro do sujeito. Essa intensidade de “invadir” é suavizada pela dispersão e imprecisão espacial do segundo termo “lugares de BH”. “Zoar o plantão” é uma expressão idiomática que tem por significado corrente “fazer graça” ou “zombar”. “Zoar” é “soar fortemente” (Ferreira, 1986, p. 1806). Seu significado, inserido no campo semântico do som, proporciona uma intensidade excessiva que caracteriza o comportamento daqueles que pretendem se divertir. Esse “divertir”, então, refere-se a um público que tem uma modo peculiar e ruidoso de fazê-lo.

<sup>5</sup> Cf. Jacqueline Authier-Revuz, *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de L. B. Barbisan e V. D. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

<sup>6</sup> Que pretende fazer com que o outro realize algo. Ver: Daniel Vanderverken, O que é uma força ilocucional?, *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 9, 1985, p. 173-194.

## 2. O argumento da “comunidade” e a correlação “solteiro” e “sozinho” no nível fundamental

Devemos abrir um parêntese para analisar com mais cuidado o(s) argumento(s) aqui contido(s). As frases da descrição da comunidade revelam, à primeira vista, traços de um discurso ufanista e bairrista (“na cidade mais linda do Brasil”), que, ao lado das demais afirmações, revelam uma atitude de *assombro* diante do fato de que alguém possa estar solteiro numa cidade como Belo Horizonte. Há, pois, um discurso subjacente à imagem dessa cidade que pressupõe e referenda a afirmação de que há algo de muito errado e incompatível

em *estar solteiro* e, ao mesmo tempo, *estar em BH*. Afinal, como que se defendendo do pressuposto disfórico de que estar solteiro significa estar sozinho, o enunciador propõe o objeto valor descritivo, a comunidade Solteiros BH, como a solução do problema dessa aparente solidão. Em defesa de sua tese, o enunciador, a partir de uma retorção argumentativa, nega o óbvio. Ao argumentar que estar solteiro não impede de “[...] se divertir, invadir lugares de BH e zoar o plantão em qualquer lugar”, ele parte do pressuposto de que as pessoas solteiras ficavam impedidas, em BH, de se divertir, de sair e ir a qualquer lugar.

No quadrado semiótico para o verbete “solteiro” e seu correlato “sozinho”, temos os seguintes desdobramentos do ponto de vista do enunciador (Ver Tabela 1).

|                      |                                 |
|----------------------|---------------------------------|
| (Compromissado)      | (Livre)                         |
| Acompanhado          | Sozinho                         |
| Casado               | Solteiro                        |
| Não solteiro         | Não casado                      |
| (namorando, ficando) | (encalhado, solteirão, titio/a) |
| Não sozinho          | Não acompanhado                 |
| (Não livre)          | (Não comprometido)              |

Tabela 1

A escolha do verbo auxiliar “estar” (“Pq estar solteiro”), em lugar de “ser”, demonstra o caráter transitório dessa situação; no entanto, trata-se de uma transitoriedade de aspecto *durativo* e *contínuo* que se reitera, porém, nos momentos de acontecimento implícitos descontínuos (Fiorin, 2005, p. 148-152): “não nos **impede** de **divertir**, **invadir**... e **zoar**...” (presente iterativo). Não se trata, portanto, de uma afirmação categórica de um presente gnômico, mesmo porque ela é dialógica, embora responda a um discutível e polêmico paralelismo: solteiro *vs* sozinho. A construção dessa predicação temporal parece vir em apoio da estranha argumentação que analisaremos a seguir.

Ao afirmar que “estar solteiro”, portanto, *estar sozinho* implica *não se divertir*, podemos pensar, por analogia, que aquele que está *casado/namorando/com alguém não está sozinho*, o que significa que esse sujeito se *diverte*. Assim, temos uma afirmação paradoxal, se considerarmos o *topoi*, senso comum, de que esse estatuto de solteiro pressupõe o contrário, “estar livre”, portanto *não casado* ou *namorando* ou *não com alguém*. Ora, se estar livre permite ir a festas, paquerar etc. (explicitado nos objetivos da comunidade), por não haver compromisso que impeça isso, então, o argumento do enunciador é contraditório, pois pressupõe que “estar solteiro” implica “estar sozinho” e resulta

em não se divertir, mas, por outro lado, também pressupõe “estar livre”. Esse paradoxo é resolvido pela intensidade com que se impõe o dever e a necessidade de se divertir desse indivíduo solteiro e pela ênfase numa forma enérgica e rebelde de diversão: “invadir lugares de BH e zoar o plantão em qualquer lugar”.

## 3. Os componentes tensivos do divertimento na comunidade

No Dicionário Aurélio (Ferreira, 1986, p. 602), a definição de divertir é “1. recrear, distrair, entreter; 2. fazer mudar de fim, de objetivo; distrair, desviar 3. dissuadir, despersuadir, fazer esquecer, distrair; [...] 5. Desviar-se, afastar-se”.

Ao que parece, temos uma possível *valência* (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 15 do valor divertimento no *desvio* ou na *distração*, que são eufóricos. Assim, o “desviar” ou “distrair” é uma profundidade extensa do “divertir”, da ordem do inteligível. Na ordem do sensível, temos o prazer como sua profundidade intensa. Assim, podemos ver, no gráfico a seguir, que, quanto mais prazer, maior é o desvio.

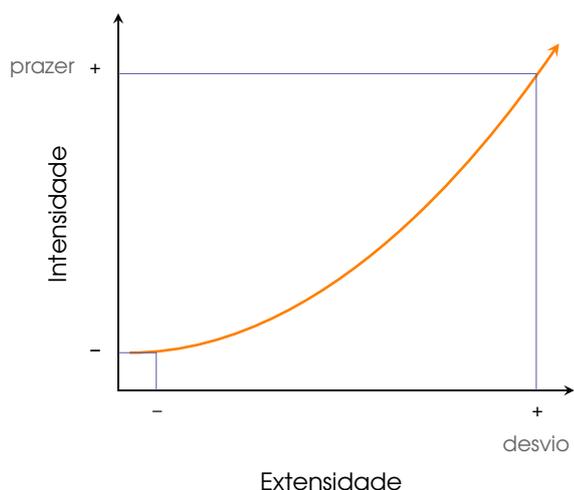


Gráfico do divertir

Esse desvio visa à suspensão de um estado de coisas, de uma direção determinada, em prol da exacerbação da emoção. “Divertir” é desviar-se na medida em que transgredir uma determinada sequência de coisas ou um determinado padrão de comportamento. Esse comportamento parece ter uma medida neutra, um padrão; é a partir dele que vão se estabelecendo os graus que o excedem ou que lhe faltam. Assim, “invadir lugares de BH” apresenta uma diversidade de aspectos ignorados, mas que são processados intuitivamente pelo falante competente. Esse “invadir” não representa apenas uma intensidade mais forte do que, por exemplo, “adentrar”, pois a palavra “invadir”, além de ter traços semânticos de irromper e ocupar espaços, possui um aspecto contextual transgressivo. “Invadir”, nesse texto, não é simplesmente entrar à força, como “adentrar” seria entrar. Assim como “zoar” não é somente um grau mais intenso de “falar”. Há, nessas palavras, uma figura de *divertimento* implícita no código do grupo, como já dissemos anteriormente; um determinado tipo de comportamento, cujo modo, o fazer, é compartilhado pelo grupo de falantes, membros da comunidade.

Então, esse divertir tem um campo de presença indeterminado: os “lugares de BH” e “em qualquer lugar”, mas o foco é tônico (“invadir” e “zoar”) e de fora para dentro (contrário de escapar). Entretanto, sua apreensão é átona, pois o “lugar” é um termo genérico e “em qualquer...” o faz ainda mais inespecífico. A construção imaginária dessa espacialidade é difusa, o que atenua a tensão das ações tônicas, sugeridas pelos verbos no infinitivo, embora aluda ao desafio de que não há limites ou lugar em que não se possa *divertir*.

Esse divertimento nos remete a um modo adolescente de agregação, embora seja uma comunidade frequentada por pessoas com idade em torno de 30

anos. A análise tensiva dos enunciados nos permitiu perceber que há uma imposição de um determinado fazer aos membros. A descrição da comunidade visa a impor um filtro ao propor um contrato que só admite um tipo de comportamento, muito semelhante àqueles comportamentos que motivam os agrupamentos adolescentes, que buscam uma identidade comum calcada em passar a imagem de ser um grupo com atitudes marcadamente transgressivas. Como se trata de uma comunidade de adultos, e não de adolescentes, parece que há uma tendência no Orkut de se buscar formas de rememorar e reviver esse período da vida. Para conhecer melhor essas comunidades, devemos buscar estudos que falem sobre comunidades e adolescência.

#### 4. O Nível discursivo: Projeções da Enunciação no Enunciado

Analizamos o texto da comunidade no seu nível fundamental e narrativo. Passemos agora ao nível discursivo.

No texto citado, notamos duas debreagens. A primeira é enunciativa de pessoa e de lugar, ou seja, há um *ele* (“a comunidade”) e um *lá* (“na cidade mais linda do Brasil”). A segunda é uma debreagem enunciativa de tempo (*agora*): “de quem está solteiro”. Em seguida, há uma debreagem enunciativa de pessoa: “estamos” (*nós*), “não nos impede” (*nós*), “Gostou? Vem com a gente então” (um “você” que pressupõe o “eu”). Contudo, mantém-se a enunciativa de lugar, “lugares de BH” e “em qualquer lugar” correspondem a um *lá*.

Há uma predominância da debreagem enunciativa de tempo e pessoa. O tempo predominante é o presente do indicativo, no caso, um presente concomitante (um *agora*) que revela um discurso que assegura uma identidade coletiva, reforçada pelas pessoas do discurso, “a gente” e “nós”. Porém, essa mescla de debreagens busca um efeito de suspensão dessa identidade, caracterizada pelo tempo presente e o “eu” coletivizado, ao introduzir o texto por uma debreagem enunciativa (a primeira frase) e manter essa ancoragem de espaço nos demais enunciados. Esse formato visa a criar um efeito de relativo distanciamento, pela ancoragem enunciativa de espaço, estabelecendo um ar de objetividade em meio à predominância da subjetividade enunciativa de tempo e de pessoa. Essa alternância de debreagens e a coexistência delas (debreagens paralelas) produzem simultaneamente um efeito de objetividade e de subjetividade (Fiorin, 1990, p. 40=52). O texto fala por um “eles”, os já membros da comunidade, e por um “nós”, o destinatário do discurso, que deve se identificar com a condição deles, de serem solteiros, para que queira aderir à comunidade.

Como reforço dessa objetividade, há uma predominância, no texto, do temático sobre o figurativo. A abordagem do tema da “solteirice” e da “solidão” tem

a pretensão de ser objetiva, no entanto, gera uma argumentação contraditória que vai de encontro a essa objetividade, produzindo um texto incoerente. São as figuras esparsas, *invadir* e *zoar o plantão*, que compõem os traços sensoriais e subjetivos do enunciado e que justificam essa contraditoriedade no plano da enunciação.

Por essa razão, Fiorin (1990, p. 52) nega que informar seja a finalidade última de todo ato de comunicação, pois o que se pretende é persuadir o destinatário a aceitar o que está sendo comunicado.

## Considerações finais

O presente trabalho nos permitiu verificar o quão promissor é o uso da semiótica francesa como ferramenta para a compreensão deste ainda recente fenômeno denominado Internet. Porém, os textos, que tradicionalmente povoam as mídias e as Redes de Relacionamento, são ainda pouco explorados. Pelas características aqui apresentadas, pudemos constatar algumas particularidades que parecem resultar de uma hierarquia passional que toma por base a motivação inicial do mecanismo — *fazer amizades* — e que afetam a produção textual e a atitude daqueles que pretendem abrir, gerenciar e participar das comunidades no Orkut voltadas para a realização desse fim.

A recorrência de certos traços sintáticos/semânticos e de uma sugestiva escolha de um percurso narrativo por parte do *dono* na descrição da comunidade talvez possa fornecer, em futuros estudos da produção textual da comunidade estudada e de outras, pistas de um percurso passional da amizade que indicaria a existência de um *discurso de intimidade* que visa a persuadir seu destinatário a agir de uma forma predeterminada no Orkut.

Como nos lembra Barros (2005, p. 198), o destinatário não só recebe passivamente a comunicação e a transformação de sua competência; ele realiza, também, um fazer: interpretar a persuasão do outro com base em seus conhecimentos e crenças anteriores e nas estratégias empregadas pelo destinador, acreditar ou não em seus valores e realizar ou não a ação que dele se espera.

Se pudermos atribuir um efeito de autonomia às personagens destinatárias da ficção, com as quais a semiótica literária vem normalmente lidando, é de se esperar que seja especialmente verdadeiro que os membros “de carne e osso” de uma comunidade aparentem ter, também, esse mesmo efeito, já que eles, enquanto atores, não estão necessariamente submetidos ao filtro de um gênero literário e às limitações, aos objetivos, às vivências, à lógica e à imaginação do autor da obra. Os textos das comunidades são autônomos nesse sentido, mas ao mesmo tempo são restringidos pelas interações do meio e do gênero, e submetidos ao crivo do dono e

dos moderadores, espécie de coautores que coordenam a produção das comunidades.

Por outro lado, a imaginação do autor de um texto ficcional não está sujeita aos limites e às restrições de uma dada “realidade”, mesmo que seja apenas virtual, o que pode conferir maior riqueza e liberdade temático-figurativa ao texto e maior grau de imprevisibilidade às ações das personagens, se comparadas às ações das personagens “reais”, virtualizadas nas comunidades. De fato, pelo que percebemos até agora, ao avaliar as narrativas dessas comunidades, o grau de previsibilidade das participações dos membros das comunidades é grande, talvez devido à “camisa de força” gerada pela hierarquia do dispositivo “comunidade do Orkut”, que permite que o dono e os moderadores façam uma triagem do que é publicado, sancionando negativamente aquilo que acreditam ser inapropriado ou destoante dos objetivos para os quais a comunidade foi criada.

Assim, temos no Orkut dispositivos que restringem e regulam, de várias maneiras, a participação dos usuários nas comunidades, sejam eles, *donos*, *moderadores* ou *membros*. Essas restrições e o objetivo de promover a amizade, subjacente ao mecanismo, irão delinear formas, figuras e temas recorrentes nas diversas comunidades, revelando o conteúdo e a expressão com que elas agenciam esse tema. ●

## Referências

- Barros, Diana Luz Pessoa de  
2005. Estudo do discurso. In: Fiorin, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística II*. São Paulo: Contexto, p. 187-219.
- Carvalho, Woodson Fiorini de  
2008. O discurso de intimidade: estratégias de captação e sedução nas enunciações das comunidades do orkut. *Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso*, Belo Horizonte, Contexto.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda  
1986. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fiorin, José Luiz  
1990. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto/Edusp.
- Fiorin, José Luiz  
2005. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude  
2001. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Carvalho, Woodson Fiorini de

“Friendship” in an Orkut Community

*Estudos Semióticos*, vol. 6, n. 2 (2010), p. 96-103

ISSN 1980-4016

---

**Abstract:** *This paper analyzes one of the many Orkut communities - “Solteiros BH” (which aims at promoting encounters and friendship), in order to assess the discursive configurations the passion Friendship acquires in virtual environments. These configurations produce an effect we call “intimacy”, i.e., an effect through which the addresser/narrator shows he is intimate with his addressee/narratee and becomes someone who gets privileged access to others in the group. The expression of intimacy, labelled friendship, can occur in several ways, depending on the social group in which that collective friendship is established. Therefore, we intend to investigate how those virtually established communities will negotiate the “friendship” content. The expression of friendship on Orkut is essentially produced on a written basis and adorned by photos and graphics that compose the message. Orkut-based friendship is set through pre-determined and pre-framed graphics, allowing the user to paste such items on the screen according to a compositional scheme already pre-customized by the graphic environment of the program. Its content is, thus, governed by a pre-distributed spatiality and subject to a recipe of “how to make friends”, in the euphoric certainty that friendship will inexorably happen through this mechanism. This article is the result of a pilot study that investigated a text that opens one of those virtual communities, assessing it at the three levels of the generative path: fundamental, narrative and discursive. At the discursive level, the themes and figures of that alleged friendship were collected and their tensive and argumentative aspects were examined.*

**Keywords:** *social networks, Internet, Orkut, friendship*

---

### Como citar este artigo

Carvalho, Woodson Fiorini de. A “amizade” em uma comunidade do Orkut. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: { <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> }. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 2, São Paulo, novembro de 2010, p. 96- 103. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 15/12/2009

Data de sua aprovação: 02/04/2010

---